

Iúri Lótman, C. S. Peirce e semiose cultural

FLOYD MERRELL

Resumo Este artigo examina os processos sígnicos formulados por Peirce a partir da noção de espaço semiótico de Iúri Lótman. Manifestações particulares de espaço semiótico dentro da semiosfera são qualificadas como inconsistentes e/ou incompletas, dependendo do contexto cultural. Inconsistência e incompletude são da natureza da imprecisão e generalidade de Peirce respectivamente, por sua vez elas próprias qualificadas em termos de supradeterminação e subdeterminação, à luz das categorias peirceanas de primeiridade, secundidade e terceiridade que são discutidas em termos de homogenia, hegemonia e heterogenia respectivamente. Estes conceitos serão então utilizados como dispositivos de modelamento, fornecendo uma interpretação para um importante evento na cultura latino-americana.

Palavras-chave semiosfera, categorias, homogenia, hegemonia, heterogenia, cultura latino-americana

Abstract This paper brings Lotman's semiotic space to bear on Peirce's sign processes. Particular manifestations of cultural semiotic space within the semiosphere are qualified as inconsistent and/or incomplete, depending upon the cultural context. Inconsistency and incompleteness are of the nature of Peirce's vagueness and generality respectively, that are themselves qualified in terms of overdetermination and underdetermination. Overdetermination and underdetermination, in view of Peirce's categories of Firstness, Secondness, and Thirdness, are discussed in terms of homogeny, hegemony, and heterogeny respectively. These concepts will then be used as a modeling device providing an interpretation for an important event in Latin American culture.

Key words semiosphere, categories, homogeny, hegemony, heterogeny, Latin American culture

INÍCIOS

Algumas palavras sobre as categorias de Peirce são necessárias antes de entrar na discussão do tema proposto. Primeiridade reúne aquilo que é sem nenhuma relação de qualquer espécie com qualquer outra coisa. É autocontida, auto-reflexiva e auto-suficiente. Secundidade é aquilo que é somente ao entrar em relação com alguma outra coisa, interagindo com ela no sentido de alguma coisa aqui e alguma coisa lá; a primeira coisa atua como um signo e a segunda coisa como o objeto do signo. Terceiridade é aquilo que é; reúne primeiridade e secundidade estabelecendo uma mediação entre elas e, portanto, se coloca em interação com elas da mesma maneira que elas são colocadas em interação uma com a outra.

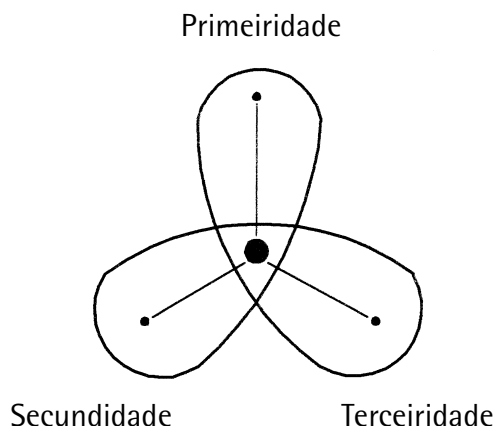


Figura 1 - As categorias

As inter-relações entre as categorias aparecem na Figura 1. Repare como elas são "democráticas", já que cada categoria está inter-relacionada com as outras duas e todas estão inter-relacionadas entre si. Note que o modelo não é "triangular", mas existem três linhas se encontrando em um ponto na forma de um "tripé" de modo a impedir qualquer tipo de relação binária entre uma categoria e outra. As relações entre quaisquer duas categorias são possíveis unicamente por meio de inter-relações entre todas as três categorias. Repare também que as linhas que giram ilustrando o caráter processual dessas inter-relações representam uma variação do nó borromeano, muito conhecido na tipologia matemática. O nó borromea-

no realiza um movimento da superfície bidimensional para a terceira dimensão a partir da sobreposição de linhas. Reconheço que isso é significativo, uma vez que as três linhas que desenham as inter-relações das categorias não são meramente bidimensionais. Elas são concebidas mais propriamente como um triângulo visto do alto, que, graças ao movimento das linhas giratórias do nó borromeano, oscilam para frente e para trás criando a tridimensionalidade do "espaço semiótico". Para tratar do "espaço semiótico" vamos recorrer ao trabalho de Lúri Lótman¹.

Lótman escreve que a totalidade da cultura está "imersa em um espaço semiótico" e que temas dentro de uma cultura determinada "só podem funcionar por meio da interação com esse espaço"². Essa combinação de cultura e espaço semiótico é chamada por ele de "semiosfera". A semiosfera "é o resultado e a condição para o desenvolvimento da cultura; nós justificamos nosso termo por analogia com a biosfera, conforme a definição de Vernádski, a saber, a totalidade e o todo orgânico da matéria viva e também a condição para a continuação da vida" (Lotman 1990:124-25). Lótman se refere a V. I. Vernádski, para quem todos os organismos vivos estão intimamente ligados uns aos outros e não podem existir como entidades autônomas. A biosfera abrange tudo o que acontece dentro dela em relação às interações entre os organismos vivos de todas as comunidades nelas contidos. Em outras palavras, se colocarmos as categorias de Peirce no contexto da biosfera de Vernádski e da semiosfera de Lótman, veremos a formação de múltiplos nós borromeanos de inter-relações que estão em um movimento fluido e perpétuo dentro e fora um do outro enquanto entram e saem de inter-relações triádicas. Em outras palavras, teremos o que se pode chamar de uma "biossemiosfera" fluindo triadicamente³.

- 1 Dificilmente eu poderia fazer justiça à riqueza do pensamento de Lúri Lótman ou de Charles Sanders Peirce em algumas páginas. Conseqüentemente, limito-me a alguns comentários sobre as categorias de Peirce e sua na discussão de sua idéia um tanto controversa da linguagem artística como um "sistema modelizante de segundo grau" (Sebeok 1991), tampouco debatarei os prós e os contras os "modelos dualistas" de Lótman na dinâmica da cultura (Lotman e Uspenskiy 1984; Nakhimovsky e Nakhimovsky 1985), o problema de "codificação" na investigação semiótica (Shukman 1977; Merrell 2000a, 2000b), ou o da "textualidade" (Merrell 2000c). Em vez disso, abordarei o que considero a principal contribuição de Lótman para a semiótica da cultura: seu conceito de "semiosfera".
- 2 Lótman definiu o "espaço semiótico" em termos de mitologia não como um "continuum signico", mas como uma "totalidade de objetos separados cada qual com seu nome adequado. É como se o espaço fosse interrompido pelos intervalos entre objetos e, portanto, não tivesse, de nossa perspectiva, uma característica tão básica quanto a continuidade" (Lotman 1977b:237). É esse aspecto descontínuo, até mesmo binário, do "espaço semiótico" que será analisado nas páginas a seguir.
- 3 Lótman normalmente mantém os termos em separado, mas eu os incluí em um item único e abrangente.

Lemos em Lótman que a biossemiosfera é marcada pela "heterogeneidade". Isso ocorre porque as linguagens que preenchem o espaço semiótico são diversas e se relacionam umas com as outras ao longo do espectro que vai da completa traduzibilidade mútua até a completa intraduzibilidade. A heterogeneidade é definida tanto pela diversidade de elementos quanto pelas suas diferentes funções (Lotman 1990:125).

Nesse sentido, se imaginarmos um modelo de espaço semiótico em que todas as linguagens comecem a existir ao mesmo tempo, nós *"ainda assim não teríamos uma estrutura única de codificação, mas um conjunto de sistemas conectados porém diferentes"* (Lotman 1990:125).

Lótman prossegue, escrevendo que se desejássemos elaborar um modelo, digamos, do Romantismo Europeu, teríamos problemas se esperássemos mapear inter-relações homogêneas entre várias expressões do Romantismo de uma área para outra e de um período de tempo para outro. Haverá diferenças não de espécie, como entre o Romantismo e o Neoclassicismo, mas de grau, de variações icônicas ou variações da primeiridade de Peirce emergindo na secundidade, de modo que não poderia haver uma tradução mutuamente completa entre uma expressão do Romantismo e outra. Isso equivale a dizer que a biossemiosfera é "assimétrica". A assimetria encontra expressão no processo de tradução interna entre espaço e tempo semióticos de dentro da biossemiosfera. A tradução, assegura Lótman, é "um mecanismo primário de consciência". Expressar uma idéia em uma linguagem e em seguida em outra é repensá-la, num processo de compreendê-la de outro modo e de maneira mais profunda. Como na maioria dos casos, *"as diferentes linguagens"* da biossemiosfera são *"semioticamente assimétricas, ou seja, não têm correspondências semânticas mútuas"*, então toda a biossemiosfera *"pode ser considerada como um gerador de informação"* (Lotman 1990:127).

Gostaria de colocar as idéias de Lotman em um conjunto diferente de inter-relações para mesclar seu pensamento com o de Peirce. Na Figura 2, utilizei os termos "heterogenia" e "homogenia" em lugar de "heterogeneidade" e "homogeneidade" tomando como base a noção gramsciana de "hegemonia", vale dizer, de conflito e negociação entre ideologias e grupos sociais⁴. "Hegemonia" se apóia mais particu-

4 Utilizo o termo gramsciano no sentido dado por Florencia Mallon como: (1) um "conjunto de processos contínuos consolidados por meio dos quais poder e sentido são contestados, legitimados e redefinidos em todos os níveis da sociedade. Segundo esta definição, a hegemonia é um processo

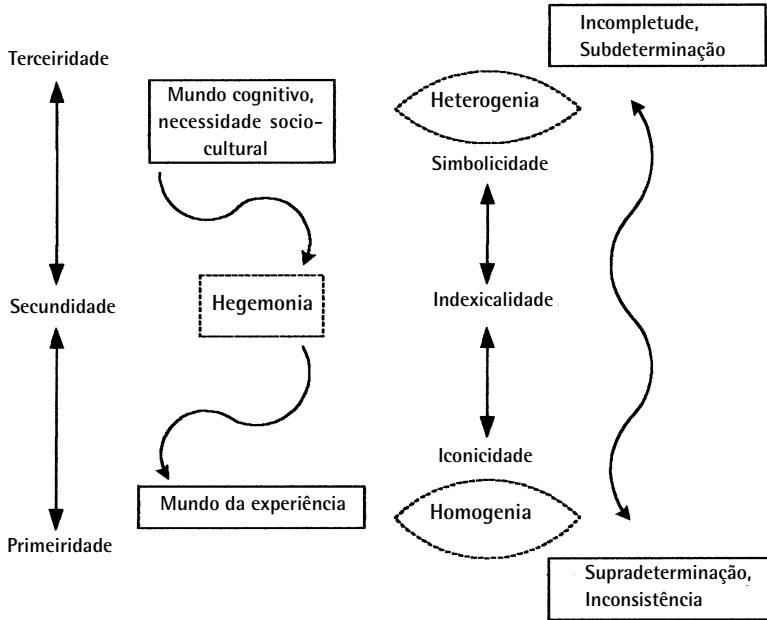


Figura 2 - Interação Interrelacionada e Interdependente

larmente em uma luta de opostos. Esse é principalmente o domínio da secundidade de Peirce. Se "hegemonia" tem a ver em grande parte com a categoria secundidade, então "heterogenia" tem a ver com terceiridade e "homogenia" com primeiridade. Como assim? Para esclarecer, é preciso fazer uma breve definição do signo segundo Peirce. Resumidamente, o signo de Peirce é algo que, para alguém, se inter-relaciona com algo em algum aspecto ou capacidade. O primeiro "algo" é o *representamen* (instância de significação que normalmente atende pelo nome "signo"). O segundo "algo" é o *objeto* do signo. Alguém, algum agente semiótico ou outro é agenciado para criar ou se apropriar do signo para que ele possa se desenvolver como um signo

hegemônico: pode existir e existe em todos os lugares e em todos os tempos", e (2) "um verdadeiro ponto final, resultado do processo hegemônico. Um equilíbrio sempre dinâmico ou precário, um contrato ou acordo, é obtido entre forças concorrentes" (Mallon 1995:6). Essa definição do termo pode torná-lo adequadamente peirceano e processual; isto é, não-binário. Pode também demonstrar como os processos triádicos peirceanos partem da estrutura mais diádica que Lótmán costuma estabelecer (por exemplo, Lotman e Uspenskij 1984:3-35).

genuíno. Se não houver criador ou apropriador, então o signo não é mais possível ou potencialmente genuíno. O que torna o signo genuíno, além de seu criador ou apropriador, é o que provoca uma inter-relação do *representamen* com seu objeto e com alguém em algum aspecto ou capacidade. Tal é a função do terceiro componente do signo, o *interpretante*.

O *representamen* fornece primeiridade inicial; o objeto do *representamen*, seu outro, introduz a secundidade; o interpretante fornece o primeiro estágio de terceiridade. Em resumo: um signo que é semelhante ao seu objeto é um ícone (por exemplo, um retrato). Um signo com alguma conexão natural ou necessária com seu objeto é um índice (uma coluna de mercúrio indicando temperatura). Um signo cuja inter-relação com seu objeto se dá através de convenção social é um símbolo (a palavra "livro" como signo da entidade física, livro). A Figura 2 apresenta um esboço dessas relações.

A primeiridade assume as características do signo, ou *representamen*. A primeiridade do signo envolve nosso "mundo experimentado" imediatamente, o mundo de sentimentos e sensações antes que haja qualquer percepção consciente de outro, de alguma outra coisa "lá fora" e além do sujeito que experimenta. A secundidade desempenha o papel do objeto do *representamen* – seu outro, o objeto com o qual ele se interrelaciona de modo interdependente. A "necessidade sócio-cultural" constitui a criação da terceiridade do signo, o interpretante, o outro do outro (devemos ter em mente, claro, que a fina membrana entre os termos é pouco mais do que a fronteira dinâmica delineando um pequeno e temporário redemoinho de todo o movimento de semiose do qual ele surgiu).

Consideremos, agora, o signo e o criador e apropriador semiótico ou sujeito como signo que está (1) envolvido com todos os seus outros possíveis como é o caso de acontecimentos contingentes; (2) em oposição "aparente" (acho muito importante realçar este termo) com algum outro atualizado, caso de combate intransigente, luta dinâmica, polêmica turbulenta e desordenada; e (3) em inter-relação intermediada e interdependente com seu outro outro, caso de troca dialógica, renegociação e, às vezes, de um feliz consenso. Considerando o quadro mais geral na Figura 2, o item (1) aparece como homogenia, o (2) como hegemonia, e o (3) como heterogenia. O prefixo homo- qualifica a esfera da primeiridade como uma união de contraditórios complementares em um pacote harmonioso em termos de puras possibilidades sem qualquer par de termos opostos emergindo para iniciar seu combate mortal. Hetero- qualifica a esfera da terceiridade como conjuntos de termos atualizados que se tornaram desgastados ou exauridos como resultado de sua incessante guerra e estão agora começando uma reconciliação potencial de suas

diferenças. O sufixo -genia indica uma forma de emergência, origem, o processo de um devir orgânico sem a possibilidade de atingir o estágio relativamente fixo do já ter vindo a ser. (E conseqüentemente, agora nos tornamos mais conscientes da natureza "biossemio-" da Figura 2.)

Tudo isto pode parecer um jogo taxonômico trivial, logo é preciso especificar, de modo mais adequado, aquilo que foi mapeado esquematicamente. Antes, porém, gostaria de aprofundar, ilustrando a importância peirceana de meu esquema.

COMO QUALIFICAR MELHOR OS PODEROSOS E OS DESPOSSUÍDOS SOCIAIS

Suponhamos que uma cultura determinada siga uma prática padrão particular. Vamos chamá-la de A. Esta prática é transmitida pelas pessoas que ocupam o poder como um código que deve ser honrado, não importa o que aconteça. Se eu tenho a tendência de concordar e dar credibilidade a tudo o que é transmitido pela autoridade, sigo com obediência o código recebido, A. Até onde sei, A incorpora a cultura como ela é e como deve ser. Conseqüentemente, sigo práticas costumeiras estipuladas por A e, como suponho que a origem de A esteja na base daquelas da autoridade, seja nas sacrossantas salas da academia, nos salões legislativos ou no local de trabalho, eu luto para segui-la ao pé da letra. Em outras palavras, meu comportamento evidencia uma afirmação hegemônica. Peirce descreve essa aceitação do que for preciso para se seguir necessariamente a palavra da autoridade em seu estudo sobre a fixação de crença⁵. Ele descartou o conhecimento via autoridade em seu argumento anticartesiano de que não há nenhuma garantia que isso irá nos colocar no caminho certo para o conhecimento.

Em contraste com A, que sigo de forma um tanto cega, eu poderia me rebelar, negando a prática padrão. Isto equivale a dizer: Não-A. É uma negação hegemônica. Estou agora exercendo o que Peirce chama de "tenacidade" – o método de um arrivista rebelde que segue seu próprio caminho sem nenhuma consideração pela autoridade ou pelas sugestões úteis de qualquer outra pessoa de sua comunidade. Isso, por razões óbvias, raramente me levará a qualquer resposta legítima, já que meu próprio jeito idiossincrático tem poucas chances de se tornar uma prática comuni-

5 Refiro-me aos três artigos de Peirce sobre cognição ao apresentar seu argumento anticartesiano, onde ele apresenta as armadilhas do conhecimento através da autoridade, da tenacidade e do apriorismo ou introspecção, e opta pelo conhecimento por meio de um acordo geral da parte de toda a comunidade (CP:5.213-357).

tária geral, daí eu permaneço isolado, ou sou proscrito de uma maneira ou outra. Se, por outro lado, assumo uma auto-importância injustificada, posso ir até o ponto de esposar o método cartesiano *a priori* de introspecção como um indivíduo privilegiado que espalha a notícia de que escavou as profundezas de sua consciência, sobreviveu e retornou com o núcleo elementar de conhecimento nas mãos. Entretanto, o anticartesianismo de Peirce simplesmente não deixará esse conceito alçar vôo livremente. Não existe saber, um saber definitivo, que seja confiável, e um que não o seja. Por que deveríamos confiar cegamente em alguém e seguir seus conselhos sem questionar ou criar a oportunidade de um bom argumento contrário?

A estrada que Peirce prescreveu para o melhor de todos os mundos possíveis de conhecimento consiste em conversação amigável, brincadeiras, debates, intromissões e, até mesmo, polêmicas, quando necessário. Esse é o caminho dialógico para o conhecimento. Ele não implica A nem necessariamente Não-A, mas provavelmente alguma outra coisa, algo novo, alguma prática "heterogênic" que emergiu do outrora meio-caminho excluído entre A e Não-A. Essa "alguma outra coisa" é o que emerge dentro da comunidade por meio de um toma-lá-dá-cá dialógico. No decorrer do diálogo, o que é aceito fica preso entre as alternativas de um dilema ou outro, e algo deve ceder. Ao ceder, outra coisa emerge, que é então posta à prova dialógica ou prática, e espera-se que surja uma opinião geral a respeito. E de onde vem essa "alguma outra coisa, alguma coisa nova"? Da variedade de possibilidades, de dentro da primeiridade, ou da esfera da homogenia, da qual todas as alternativas heterogênicas entre A e Não-A podem emergir.

Agora, eu convido o leitor a se lançar comigo num vôo radical da imaginação, uma espécie de experiência-pensamento, se desejar. Experiências-pensamento podem, de saída, serem consideradas consistentes ou inconsistentes, dependendo da teoria reinante, do modo perceptual e conceitual da audiência em questão e do espírito geral da época. Segundo uma experiência-pensamento ao estilo aristotélico, uma moeda de dez centavos deveria cair mais rapidamente do que uma de cinco uma vez que é mais pesada. Certo. O senso comum do tempo de Aristóteles muito provavelmente diria isso à maioria dos cidadãos respeitáveis. E se amarrássemos uma moeda de cinco a uma de dez e as deixássemos cair? Será que elas cairiam mais rapidamente do que a moeda de dez, sozinha, já que integram um pacote mais pesado? Bem, isso na verdade é um tanto problemático. Como a moeda de cinco centavos solta cairia mais lentamente do que a de dez, quando as duas estivessem amarradas, a de cinco deveria agir como um peso para seu parceiro e reduzir consideravelmente seu progresso. Portanto a queda das duas moedas combinadas deveria ser mais lenta do que a queda da moeda de dez isolada. O par combinado de

objetos é mais pesado do que a moeda de dez, portanto, a queda deveria ser mais rápida. Mas não é isso que acontece. Escusado dizer que Galileu demoliu essa teoria com uma série alternada de experiências-pensamento não testadas (evidentemente, há dúvidas de que ele tenha realmente efetuado sua experiência do alto da Torre de Piza). E, como consequência do trabalho de Galileu, hoje acreditamos que temos uma teoria relativamente consistente, ao contrário daqueles gregos ingênuos. Até aqui, tudo bem. Uma teoria inconsistente foi adequadamente descartada e substituída por uma alternativa mais lógica e racionalmente respeitável, e as mentes mais sóbrias conseguiram prevalecer. Colocando a questão de outra maneira, Galileu disse "*Não!*" à autoridade (A). Ele disse: "*Não-A!*". Partiu em busca de uma alternativa entre o A e o Não-A. Ao final, alguma outra coisa, algo de novo, emergiu da sopa semiótica de possibilidades. Primeiridade, homogenia e todo o edifício científico se tornaram cada vez mais heterogêneos em vez de simplesmente maniqueísta, dualista e hegemônico.

Em nosso século, a física, na forma da teoria quântica, especialmente quando ostenta os rótulos do "princípio da incerteza" de Heisenberg e o "complementar" de Bohr, se tornou audaciosa e aparentemente sem remorso ou lamento, ambígua, e até mesmo inconsistente, dependendo do ponto de vista. Em um momento determinado um "evento" quântico é uma "partícula" ou uma "onda"? Falando com franqueza, as únicas respostas possíveis a essas questões são "sim, mas não", "não, mas sim", "sim e não", "nem sim nem não". Isso é no mínimo desconcertante. No *Diálogo* de Galileu, o aristotélico Simplicio pergunta desrespeitosamente a Salviati: "*Então, o senhor não fez uma centena de testes, nem sequer um teste, e mesmo assim declara tão tranquilamente que está certo?*" Salviati responde: "*Sem experiências, estou certo de que o efeito acontecerá do modo como estou lhe dizendo, pois é assim que deve acontecer*" (Galileu 1967:145; in Brown 1991:2-3). Isso nos lembra a observação de Einstein em relação à experiência do astrofísico Arthur Eddington feita para atestar se a teoria geral da relatividade era verdadeira ou falsa. Quando lhe pediram sua opinião sobre o resultado possível do evento, Einstein respondeu que se a experiência parecesse refutar sua teoria, então ele tinha pena do estimado Lorde, pois a teoria estava correta. Uma maravilha da arrogância? Sim ... e não. Esse tipo de declaração é um testemunho do poder da mente e da confiança daquele que o profere. Também serve de testemunho, eu me atreveria a dizer, à união inextricável de primeiridade-secundidade-terceiridade; representamen-objeto-interpretante; iconicidade-indexicalidade-simbolicidade; sentimento-sensação-interpretção. Essa união dificilmente pode ser testada, diferentemente das experiências-pensamento de Aristóteles ou de Galileu, que poderiam ter sido, se seus au-

tores tivessem se dispostos a isso. Mas Hume, Locke e outros, incluindo Peirce, são testemunhas da impossibilidade de uma pessoa observar a si mesma no ato de se observar para fazer uma distinção rudimentar entre o equivalente das categorias peirceanas. Isso equivale aproximadamente ao "evento" quântico que acabou de ser descrito.

Parece que, em relação a essa mútua adoção das intrigantes tríades de Peirce, e à luz de sua postura anticartesiana, o conselho poderia ser: jamais se curve à autoridade, a menos que ela seja merecedora de seu respeito; não avance cegamente com tenacidade paranóica, aconteça o que acontecer; cuidado com os falsos profetas que afirmam terem estado no deserto de suas mentes introspectivas onde viram a luz da Verdade; assuma um compromisso com a comunidade de sua escolha, mantenha o diálogo aberto e faça o melhor que puder. Em relação às tríades propriamente ditas, poderíamos dizer que o pensamento-signo imaginário é a possibilidade de A, uma possibilidade da esfera homogênicamente de "tanto A quanto Não-A". Em relação a isso, o objeto do signo seria um Não-A anti-hegemônico. O interpretante seria um Nem A nem Não-A heterogênico, mas como ele leva A e seu respectivo outro a uma mediação de três vias, ele potencialmente dá margem à emergência de alguma coisa diferente, alguma coisa até mesmo possivelmente nova. Podemos construir a Figura 3, com o ponto ou vórtice conectando cada um dos componentes do signo, de forma que possa ser mapeada na Figura 1.

O vórtice é o composto de todos os signos não-realizados. Ele é, por assim dizer, o vazio, a pura possibilidade de qualquer coisa e de tudo. É como se tivéssemos tanto A quanto Não-A e Nem A nem Não-A escritos em ambos os lados de uma tira de papel e então tornássemos à folha bidimensional em um anel de Möbius no es-

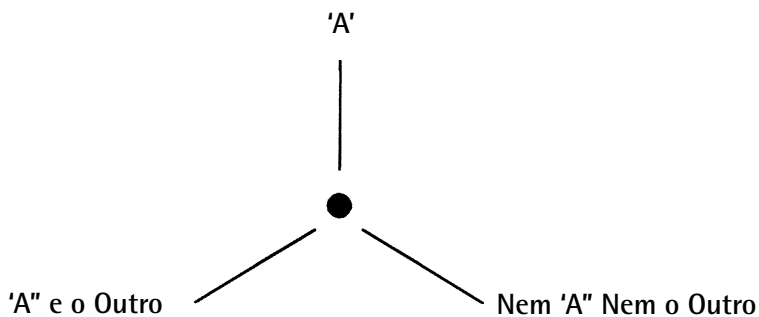


Figura 3 - As alternativas

paço tridimensional para apresentar ambas as proposições e nenhuma das proposições. Além do mais, a escolha não é uma escolha entre verdadeiro e falso no sentido aristotélico, entre o que é indiscutivelmente certo e o que não é certo, entre o que existe e o que não existe, mas antes entre o que, a partir de determinado contexto, pode ser verdadeiro e o que pode ser falso, e o que pode ser nem verdadeiro nem falso porque ainda não é: existe apenas aquilo que Peirce (CP:6.512) chama de "recorte" ou G. Spencer-Brown (1972) chama de "marca distintiva". Não há nada mais do que nosso tripé junto com o vórtice.

Este "recorte" ou "marca distintiva" compõe o que Gregory Bateson (1972) denomina a "diferença que faz a diferença". No começo, uma linha demarcatória é traçada, separando "isso" de "aquilo", "dentro" de "fora". Então, outras distinções são feitas, e depois mais outras, e assim por diante, atingindo-se uma complexidade de cada vez maior. Lótmán escreve que toda cultura

começa dividindo o mundo em 'seu próprio' espaço interno e o espaço externo 'dos outros'... A fronteira pode separar os vivos dos mortos, pessoas estabelecidas de pessoas nômades, a cidade das planícies; ela pode ser uma fronteira entre estados, uma fronteira social, nacional, confessional, ou qualquer outro tipo de fronteira (Lotman 1990:131).

Lótmán se refere a esta divisão como sendo binária. Discordo dele. O mais apropriado é que ela seja ternária ou triádica, seguindo o modelo peirceano do signo ilustrado nas Figuras 1 e 3.

Como pode esta triadicidade surgir como resultado de uma divisão binária entre "isto" e "aquilo"?

INTERMEDIACÕES APARECEM QUANDO MENOS AS ESPERAMOS

Talvez a maneira mais sucinta de colocar a questão é evocando o que se conhece como "paradoxo da indução", desenvolvido por Carl Hempel (1945). Resumindo, a história é a seguinte: Podemos admitir que "todos os cisnes são brancos" e executar nossos afazeres cotidianos com bastante eficiência sem jamais nos darmos conta de qualquer anomalia ou alternativa. Dizer "Todos os cisnes são brancos" é simplesmente verdade. É falso dizer que "alguns cisnes não são brancos". Isso é tudo e basta. Idealmente, é uma questão binária, ou/ou. Temos uma sensação arraigada (primeiridade) da brancura dos cisnes e dificilmente poderíamos sentir algo diferente, a menos que fosse em um mundo imaginário.

Entretanto, um certo explorador na Austrália, a saber, o Capitão Cook, descobriu certa vez — isto é, sentiu (via secundidade) e interpretou (via terceiridade) — alguns cisnes como negros. A partir daí as fronteiras categóricas sofreram uma mudança. Acabou por se tornar conhecido que “a maioria dos cisnes, mas nem todos, são brancos; os cisnes não-brancos, ou seja, negros, podem ser encontrados em uma região remota do globo, a saber, Austrália”. Exemplos como esse levaram Popper a declarar que se alguém procurar evidências positivas para uma proposição geral, quase sempre será capaz de fazer com que o mundo se submeta e descubra sua evidência. Logo, procurar evidências positivas não é grande coisa. O importante é procurar evidências negativas, que mudem as formas costumeiras de pensar e procurar. Em outras palavras: é preciso ser surpreendido pelo inesperado e, em seguida, reconhecer não há surpresa ao se surpreender diante de um evento inesperado. Conseqüentemente, alteram-se as expectativas e segue-se em frente, à espera de outra surpresa que frustre as expectativas recém-encontradas. Se se quiser aprender alguma coisa, é preciso não ficar olhando tudo e declarando que tudo é repetição do que presumivelmente foi, é ou será; é preciso, sim, procurar erros, diferenças, eventos que não deveriam acontecer.

Dessa maneira, não deveria ser nem um pouco chocante a afirmação segundo a qual “todos os cisnes são brancos” não tenha resistido à prova do tempo. Na verdade, isso era previsível. Na esfera das possibilidades para todos os eventos, ver e dizer deve implicar a afirmação “cisnes são brancos e não-brancos”. Um pólo desta contradição foi tido como verdadeiro durante um período da história humana e o outro pólo durante outro período. Portanto, se “cisnes são brancos e não-brancos” deve ser considerado como sendo atemporal, então “ou os cisnes são brancos ou não-brancos” é atemporal em outro sentido mais limitado, pois, falando de forma lógica, — isto é, em termos da lógica clássica — um ou o outro é visto como imutável, dependendo do tempo e do lugar e das pessoas envolvidas. Contudo, também temos a afirmação implícita: “Não só nem todos os cisnes são brancos como também nem todos os cisnes são não-brancos”. Ou seja, antecipadamente “todos os cisnes são brancos”, mas agora é o caso de dizer que “a maioria dos cisnes são brancos”. E antes ainda, era o caso dizer que “nenhum cisne é não-branco”, mas hoje é o caso de dizer que “alguns cisnes são não-brancos, especificamente, aqueles que são negros”. A temporalidade surge dessa esfera um tanto confusa, onde os eventos ver e dizer não são atemporalmente nem uma coisa nem outra mas, potencialmente, alguma coisa diferente. Graças à nossa temporalidade, temos uma coisa em um momento e outra coisa em outro momento, com ambas as coisas jogadas dentro da mesma sacola como parte de um vasto oceano em um constante movimento de

auto-organização que se encontra permanentemente se tornando algo diferente do que é⁶.

Então nós temos no meio, (2) "ou cisnes brancos ou cisnes não-brancos"; temos em um dos extremos, (1) "tanto cisnes brancos quanto não-brancos"; e temos no outro extremo, (3) "nem exclusivamente todos os cisnes brancos nem nenhum cisne não-branco" (p.ex., Figura 2). Como é fundamental para a secundidade, (2) é a esfera da lógica clássica. A esfera de possibilidades não-realizadas em uma harmoniosa interrelação, não importa o quanto sejam contraditórias, é da natureza da primeiridade, (1). E, como a terceiridade (3) é a esfera das novidades que emergem entre um e outro ou, (1) é qualificado como extrema imprecisão; está repleto de contradições e qualquer número dessas pode se realizar ao longo do tempo, daí sua supradeterminação (verificar como os termos são utilizados na Figura 2). (3) é marcado por generalidades que surgem das particularidades realizados de (1) e que passam por (2); é invariavelmente incompleto, já que não há como saber quando e onde algo de novo e diferente irá emergir para assumir seu lugar entre duas conceituações gerais já realizadas, daí sua sub-determinação. Dadas as considerações acima, (2) é, sob a maioria das circunstâncias, o lar das práticas binárias tal como elas são articuladas habitualmente; nele estão tanto os poderosos quanto os despossuídos, presos em uma luta aparentemente eterna, atemporal, sincrônica —embora, devido à natureza da hegemonia, a negociação possa ser possível. (1) pode ser rotulado como homogenia, já que tudo pode presumivelmente caminhar em uma coexistência pacífica. (3) então, é heterogenia, já que entre quaisquer dois termos ou afirmações gerais sempre existe a possibilidade em algum lugar e tempo de alguma outra coisa emergindo, daí o sistema estar permanentemente avançando na direção da finalização de sua própria continuidade sem jamais realizar esse objetivo⁷.

Vamos examinar as afirmações (1), (2) e (3) e suas contrapartes na Figura 2 com mais detalhes.

- 6 A afirmação acima é outra maneira de explicar a afirmação do estudioso de Peirce, Charles Hartshorne (1970), de que a temporalidade começa a emergir dentro da secundidade e amadurece totalmente dentro da esfera da terceiridade.
- 7 O objetivo jamais poderá ser atingido, pois, segundo Peirce, ele é um horizonte infinitamente distante que não pode ser mais do que aproximado pelo movimento assintótico comparável ao Aquiles de Zenão correndo na direção da tartaruga em uma série infinita de incrementos cada vez menores (mas confira Hesse [1980] para uma crítica desta argumentação).

Trazendo uma feliz emergência de (1), (2) e (3), de homogenia, hegemonia e heterogenia, temos ou inconsistência ou incompletude, ou, talvez, ambas as coisas, pelas boas graças da prova de Kurt Gödel que definiu as limitações da lógica e da matemática, e por extensão, das ciências, das humanidades e em geral de toda a comunicação humana. A conseqüência é que não podemos evitar as contradições inesperadas e paradoxos ocasionais. Não importa o quanto consigamos falar sobre algum aspecto particular de nosso mundo, nosso falar sempre será incompleto.

O processamento de signos dentro dessas limitações é uma questão comunitária dialógica. Peirce escreve que sempre que um signo é vago (inconsistente) é preciso que seu criador o torne um pouco mais preciso e, no melhor de todos os mundos, consiga esclarecer as inconsistências. Por outro lado, para que a natureza do signo como uma generalidade possa se tornar reconhecida adequadamente, o apropriador do signo deverá entrar no jogo, interagindo com ele, com seu criador e com todo o ambiente, empurrando seu significado para uma finalização possível – contudo, conforme considerações anteriores, o significado do signo jamais atinge a finalização no sentido genuíno (CP5.505). Hegemonia, como uma prática dualista possível de ser encontrada em (2), poderia muito bem culminar no franqueamento, na transmissão de poder, daqueles que têm a condição adequada e sabem como executar as práticas mais vantajosas porém impiedosamente agressivas. Dentro dessa esfera, podemos encontrar a construção do paternalismo, do patriarcado, do patronato e de práticas semelhantes neste deserto de valores culturais dualistas.

Porém, essa é uma visão muito limitada. Imprecisão e generalidade de uma ampla perspectiva cultural pintam um quadro inteiramente diferente. Para colocar esse quadro em foco, vamos considerar mais uma vez a Figura 2⁸. Em primeiro lugar, eu utilizo setas reversíveis de diversos tipos para enfatizar o caráter fluido de todas as categorias envolvidas. Isso, entretanto, não é indicação de linearidade ou tempo isotrópico atemporal. As categorias que normalmente vêm em grupos de três e não de dois são colocadas em diversos níveis para descrever suas inter-relações indefinidas de co-dependência e sua natureza não-linear, presa ao tempo, auto-organizadora; entretanto, é preciso enfatizar: nenhuma hierarquia de termos

8 É importante mencionar neste ponto que utilizei o esquema supra-determinação/sub-determinação e inconsistência/incompletude e imprecisão/generalidade em diversos estudos anteriores em relação aos tipos básicos de signos de Peirce, nossos modos sensoriais para a percepção dos signos e nossa interpretação dos signos (Merrell 1995a, 1996, 1997).

dicotômicos está implicada aqui. O movimento geral é de signos de imprecisão na direção do reconhecimento da lógica clássica e "estilos de raciocínio" e em seguida para a construção de generalidades, universais, taxonomias e hierarquias perpetuamente incompletas⁹. Espera-se que a inconsistência abaixo possa ser abandonada e que a progressão ascendente possa se dar na direção da realização de todos aqueles sonhos doces e familiares da boa vida, da justiça social, da emancipação para todos e do conhecimento completo e consistente. Dado o fator de sub-determinação, entretanto, não existe utopia a ser conquistada. Em outras palavras, a plenitude de todas as coisas é um sonho pois não existe caminho real para a terra do leite e do mel. A homogenia e a heterogenia estão para ficar, saibamos disso ou não e gostemos disso ou não.

Tudo isso tem mais peso ainda sobre as categorias de Peirce. A primeiridade é o modo no qual alguma coisa é o que é independentemente de qualquer outra coisa, de forma que não faria qualquer diferença se nenhuma dessas coisas existisse, pois ela é autocontida e auto-suficiente. Esse modo é apreendido não pelo intelecto ou como resultado de sensações recebidas pelo grande mundo lá fora, pois, colocando de modo simples, não há outro modo que pudesse ser percebido ou concebido em relação à primeiridade. Só existe a primeiridade. A primeiridade é também indivisível, pois se existissem partes, haveria algo que não o todo da primeiridade. O todo da primeiridade é uma mistura de tudo o que a compõe. Ela não tem traços claramente delineáveis; ela é imprecisão da espécie mais imprecisa. Imagine uma combinação de vibrações no ar que, segundo a análise de Fourier, produza em sua composição uma nota dó sustenido alta. Você ouve a nota e nada mais, você a sente, e essa sensação é perpetuada, um segundo, dois segundos, e então muitos segundos e minutos, sem que esteja relacionada de forma alguma a qualquer outro som. Você simplesmente a sente como ela é, nem mais nem menos. Agora imagine que você seja o sujeito e o som seja o objeto, e ouvindo a nota dó sustenido alta, sentindo-a e percebendo-a, você penetre nela como o resultado de muitos anos de sua própria apreciação musical e prática real. Seu reconhecimento da nota dó sustenido alta como sendo simplesmente isso, nota dó sustenido alta, é um ato de reação e interação com algo além de você mesmo. É alteridade, a alteridade da secundidade, da indexicalidade. A vida cotidiana é permeada por essas ações, reações e interações com itens efêmeros que nos cercam, com indícios, itens que aparecem no palco à nossa frente, no palco sobre o qual nos encontramos. A terceiridade, por outro lado,

9 A idéia de "estilos de raciocínio" é de Hacking (1985, veja também Merrell 1995a).

é uma questão geral. A nota dó sustenido alta é reconhecida em termos de estar relacionada a e distinguida de qualquer outra nota no repertório de seu conhecimento de música. Ela não é só esta nota aqui e agora, mas dó sustenido alta como um tipo, uma categoria geral. A nota como um tipo é uma modificação de sua sensação e de sua percepção como tal e tal item dentre uma série de outros itens aos quais está relacionada. É o reconhecimento de que o som pertence a uma categoria geral que lhe dá seu caráter, contanto que este caráter seja suscetível de contagem por intermédio de signos simbólicos, palavras, linguagem.

Esta visão híbrida de conhecedor e conhecido está gradualmente se deixando ver. Hoje se tem como certo que o conceito de hegemonia de Antonio Gramsci tornou possível passar para além da idéia dualista de power brokers impondo seus valores sobre pessoas indefesas e infelizes. Mas essa mudança já estava se fazendo sentir há muito tempo. Antigamente, entre os autores de esquerda, a coqueluche era colocar as classes dominantes no controle e as classes populares como vítimas. Nos últimos anos, especialmente devido à teoria da hegemonia, as classes populares foram encaradas de modo positivo como um grupo com recursos e capacidades praticamente ilimitados para manifestar sua desobediência e no processo fornecer alternativas para os costumes rígidos e emburrecedores dos dominantes. Esse foco tão obsessivo sobre os extremos para erguer dicotomias é incômodo. O problema é que, nas palavras do antropólogo Néstor García Canclini (1984):

Há tanta insistência na justaposição da cultura subalterna e hegemônica e na necessidade política de defender a independência da cultura subalterna que as duas passaram a ser pensadas como duas entidades bastante separadas. Com a pressuposição de que a tarefa da cultura hegemônica é dominar e a da cultura subalterna é resistir, muitas pesquisas foram feitas sem outro objetivo além de investigar as maneiras pelas quais estes dois papéis distintos foram desempenhados.

Neste sentido, a obsessão com uma ou outra das pontas da suposta oposição é um pensamento binário, apesar da concessão de que os subalternos pudessem ter mais poder para alterar o sistema do que se achava anteriormente. Essa tendência maniqueísta certamente não é de Gramsci; ele resiste a dicotomias fáceis. Não existe somente o poder, mas também a sedução, a cumplicidade, a negociação, a subversão e uma ação secreta de "guerrilha cultural".

Gramsci ensina que o que o olho vê nem sempre é tão claro quanto parece. Ele amarra a idéia de cultura popular à condição subalterna e ao mesmo tempo revela a complexidade desses laços. A interação dinâmica entre subalternos e a classe dominante, conforme apontada acima, compensa o deslocamento constante de pos-

turas e estratégias de forma tal que as inter-relações são mais bem qualificadas como processos. Não há imobilidade, tudo está em movimento perpétuo. Conseqüentemente, a admissão de poder hegemônico pelo subalterno não é necessariamente um ato de submissão, e a rejeição que ele tem desse poder não é necessariamente resistência. Todas as expressões dos poderosos não são sempre a manifestação de forças hegemônicas irresistíveis, e a resposta passiva dos subalternos não é simplesmente o fraco se curvando ao forte. Tampouco o exercício da hegemonia é meramente um produto da inculcação do *habitus* de Pierre Bourdieu nas pessoas de forma tal que elas respondam de um modo determinado porque não poderiam fazê-lo de outra maneira (Bourdieu 1990; Bourdieu e Passeron 1977). As respostas criativas da parte das pessoas, na concepção de de Certeau (1984), mantêm o coração e os pulmões do organismo social funcionando. Na análise final, a cultura popular é sobretudo criativa.

Devido à sua criatividade, aquilo em que as pessoas acreditam, compram e consomem não pode simplesmente ser subordinado a uma lógica binária de dominação e subserviência. A racionalidade dominante preferiria, não obstante, que as pessoas se comportassem e consumissem de maneira tal que todas se tornassem uma sopa homogênea (de homogenia, não homogeneidade). Os subalternos gravitam na direção da homogenia, enquanto que os dominantes ascendem levemente na direção do mundo da heterogenia, para realçar sua diferença daqueles outros e refortificar o poder deles próprios. Mas os subalternos, em seu papel de "guerrilheiros culturais" conferido por de Certeau, criam diferenças próprias ao expressar seu desprezo pelo fardo que carregam na vida. Eles embromam seus superiores e brincam com eles e, ao mesmo tempo, trapaceiam um pouco, misturam as coisas para alterá-las, apimentar a vida e subverter os motivos dos poderosos hegemônicos. Ao fazer isso, eles não são simplesmente mentirosos, ladrões e rebeldes obcecados com a derrubada do sistema. Eles estão engajados em práticas de pequena escala, se comparados com os meganíveis de mentira, roubo e subversão que acontecem nos níveis superiores. Eles estão, simplesmente, fazendo o melhor que podem com o que têm¹⁰.

Nesse sentido, a hegemonia é mais adequada à secundidade e a heterogenia à terceiridade. Mas essas categorias não surgem de um vácuo simplesmente. Elas existem em uma co-dependência inter-relacionada e interativa dentro da esfera da

10 No Brasil, muitas práticas desse tipo são classificadas como "jeitinho" (veja Barbosa 1992), de cujas sutilezas não tratarei aqui – supondo que eu seja capaz de fazê-lo – embora já tenha lidado com o tema em outro texto (Merrell 2002).

homogenia, primeiridade, integridade. Dentro da homogenia, existem partes, claro, mas elas são possíveis, não são (ainda) realizadas para uma mente particular. As partes permanecem unidas em uma, isto é, elas compõem uma coleção tão vasta que em termos de si mesmas como possíveis não há espaço para conservarem qualquer forma de distinção ou individualismo, por isso são soldadas uma na outra, são refundidas. A primeiridade é o *continuum* de tudo o que é possível. Ela é como um anel, sem nenhum começo ou fim concebível e sem meio. Quando a secundidade emerge no ser do devir e no devir do ser dos signos, o anel é cortado, fraturado, de modo a criar dois lados e uma borda no meio. E a cadeia dos segundos começou seu devir, a tarefa que então gera terceiros e mais terceiros. Não há fim concebível da semiose, nem há nenhum início concebível, nem centro.

Agora, uma ilustração de uma semiose auto-perpetuadora.

COMO EMERGEM OS SIGNOS DE SUBVERSÃO

Em 1977, na histórica Praça de Maio em Buenos Aires e onde se encontra a Casa Rosada, sede da presidência, o súbito aparecimento das mulheres não foi muito notado, a não ser pela polícia secreta do governo militar.

No começo havia apenas um punhado de mulheres dando voltas com sapatos baixos e usando lenços na cabeça. Pareciam inseguras, até mesmo, amedrontadas (afinal, a Argentina estava sendo governada por uma ditadura repressora que duraria de 1976 a 1983. "Desapareceu" com cerca de 30 mil cidadãos e torturou um número incontável). As mulheres carregavam, penduradas nos vestidos, fotografias de entes queridos desaparecidos. Vinham de todas as classes sociais para lutar contra as Forças Armadas, os políticos, a Igreja, a imprensa complacente. Buscavam por respostas. Esse punhado de mulheres foi crescendo gradualmente para cinquenta, depois para centenas, e depois para mais de mil. Os turistas começaram a fazer perguntas, o que envergonhava o Estado. Mas as mulheres prosseguiram praticamente ignoradas pelos oficiais do governo. Suas visitas à Igreja Católica em busca de apoio não proporcionaram resultados: a cumplicidade da igreja era óbvia. O governo continuou a não prestar atenção nas mulheres. Mas elas perseveraram. Com o passar do tempo, elas se tornaram conhecidas como as Mães e Avós da Praça de Maio (Agosin 1992; Bouvard 1994). Quando o time campeão da Copa do Mundo de Futebol de 1978 foi homenageado, as mulheres protestaram. Quando jovens a favor do governo, insuflados a um comportamento frenético, começaram a insultá-las, elas os questionaram, o que levou a ofensas morais de ambos os lados. Em 1980, o movi-

mento pelos direitos humanos na Argentina tornou-se pauta de discussão, sobretudo depois que o escritor Adolfo Pérez Esquivel recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Em 1981, trabalhadores começaram a protestar contra salários injustos, condições de trabalho e moradia inadequadas. Em 1982, eles se juntaram às mães em seu protesto, e nesse mesmo ano a imprensa passou a desempenhar um papel mais ativo na crítica ao governo. A humilhante Guerra das Malvinas/Falklands começou e terminou. Finalmente, em 1983, os militares deram sua última cartada. Eleições foram realizadas; um civil se tornou presidente e os militares, num golpe final, garantiram a si mesmos anistia por todas as violações praticadas contra os direitos humanos!

Essa cadeia de eventos é, talvez, um dos melhores exemplos de subversão honesta, sincera e patriótica da parte de subalternos dentre subalternos: mulheres como "guerrilheiras culturais" no papel com poucos precedentes. Isso é também uma prova viva de que os subalternos, através de meios pacíficos, podem criar alternativas e impô-las aos dominantes. Subalternos interpolaram a homogenia da hegemonia com uma dose maciça de heterogenia e o sistema, finalmente, cedeu. A iconicidade se elevou ao nível de indexicalidade por signos que apontavam para presença de indivíduos ausentes; ícones e índices silenciosos prosseguiram na direção de símbolos que acabaram sendo formados. A primeiridade engendrou a terceiridade, uma terceiridade subversiva. O discurso até então hegemônico da terceiridade sofreu as conseqüências. Mulheres persistentes, criadoras de signos alternativos, deram vazão aos seus signos de imprecisão, levaram-nos à sua expressão mais suprema e acabaram sendo interpretadas por seus signos em termos de generalidades. Descobriram, assim, que essa interpretação era a alternativa que exigia a atenção mais séria. Signos da esfera supradeterminada tomaram seu lugar entre os de outra forma excluídos do meio entre as dicotomias existentes de uma política intransigente.

As Mães e Avós da Praça de Maio e movimentos relacionados na América Latina são talvez a ilustração mais chocante no mundo do que o antropólogo brasileiro Roberto Da Matta (1991) chama de "sociedade relacional", em que o todo segue uma lógica que as partes podem escolher ignorar. O e de A e Não-A funde e confunde as mansões e as favelas; os poderosos e os fracos; os dominantes e os subalternos. O conceito de "sociedade relacional" de Da Matta talvez não encontre melhor exemplo do que na mestiçagem latino-americana (mistura racial e étnica). A mestiçagem acarreta interrelações não-lineares. O mestiço de hoje, especialmente em países como México, Colômbia, Peru, Venezuela, Nordeste do Brasil e o Caribe não é uma simples mistura do europeu com o ameríndio ou do africano com o europeu ou do ameríndio com o africano. A mistura é praticamente de uma variedade

aleatória¹¹. Além do mais, a mestiçagem não é meramente um fato racial, mas, além disso, é a incorporação do modo de vida latino-americano, sua própria existência, o devir de seu ser, o ser de seu devir. A mestiçagem é mais do que uma abstração: ela fala, percebe, narra, torna-se imediatamente atriz e espectadora no palco do viver cotidiano. Se aceitarmos a palavra de alguns antropólogos, a mestiçagem também incorpora uma necessidade interior de exercer controle. Eric Wolf escreve sobre o homem mestiço como o “buscador de poder” por excelência. A luta na qual ele tem se engajado historicamente foi mais do que um meio para atingir um fim:

Como uma validação do self e de status na sociedade, essa luta se tornou um fim em si mesma. Para o mestiço, a capacidade de exercer o poder é, em última análise, de caráter sexual: um homem é bem-sucedido porque é verdadeiramente macho, possuidor de potência sexual. Enquanto o índio não luta nem para controlar nem para explorar outros homens e mulheres, o mestiço busca o poder sobre mulheres e também sobre homens. Como a necessidade de vingança pelo poder é contínua e sem limite, o mestiço possui “um déficit sexual ilimitado” que se alimenta somente das conquistas passadas. Enquanto o índio e a índia atingem um equilíbrio em seu relacionamento, o mestiço macho exige uma ascendência absoluta sobre as mulheres. Assim, até mesmo relacionamentos familiares e pessoais se tornam campos de batalha emocionais, sujeitos à derrota e à vitória (Wolf 1959:240)¹².

A mestiçagem acarreta uma sensibilidade sócio-político-econômica e cultural diferente. Em narrativas dos EUA escritas por James Fenimore Cooper, Mark Twain e outros, temos uma imagem bastante ruim dos afro-americanos, dos ameríndios e dos mestiços nos EUA. O professor de Harvard e cientista Louis Agassiz pintou certa vez um quadro dos grupos étnicos não-europeus e dos mestiços da América Latina como pessoas degradadas física e moralmente. A passagem do tempo infelizmente não fez muita coisa para reduzir o preconceito norte-americano para com o mestiço. Isso não é de surpreender, levando-se em conta uma das diferenças básicas entre as políticas anglo-americana e latino-americana de expansão territorial. A política anglo-americana era fundamentalmente de exclusão. Ela fixava limites para além dos quais o ameríndio não deveria se aventurar; na verdade, o nativo era visto

11 Magnus Mörner (1967) oferece um dos melhores estudos gerais da mistura de raças na América Latina colonial (veja também Graham 1990).

12 Wolf confessa que está exagerando e generalizando em excesso. Mas devemos lhe conferir um certo grau de credibilidade, pois ele revela algumas das principais características do mestiço, embora exceções existam aos montes, e, à medida que os mestiços aumentam em número, suas características se tornam mais heterogêneas e menos homogêneas. Além disso, a mestiça também deve receber a devida consideração, e é o que ela tem recebido desde a época do estudo de Wolf.

como um incômodo e deveria ser removido, assim como as florestas, o búfalo e os lobos. A política latino-americana, em contraste, era basicamente de inclusão — embora, como seria de se esperar, houvesse muitas exceções à regra. Conseqüentemente, muito embora o lugar do mestiço na sociedade nas colônias latino-americanas deixasse muito a desejar, ele vivia consideravelmente melhor do que nos EUA. Ironicamente, dada a distinção entre práticas exclusionistas e inclusionistas, durante o século dezenove, viajantes, homens de negócios e diplomatas dos EUA à América Latina geralmente se entusiasmavam com a oligarquia culta da América Latina. Por outro lado, não viam com bons olhos a classe mestiça, que freqüentemente era tida como não mais do que um povo bastardo (Pike 1992:144-51). Na década de 1930, o historiador Herbert Eugene Bolton (1939:98) via as fronteiras anglo-hispânicas como um *"ponto de encontro e lugar de fusão de duas correntes de civilização européia, uma que vinha do sul, a outra do norte"*. Se Bolton tivesse realizado estudos empíricos verdadeiros das culturas fronteiriças com mais precisão, teria percebido que muito antes do desenvolvimento de sua tese sobre as *"terras de fronteira"*, o racismo norte-americano já havia cobrado seu preço.

Não obstante, repito, a mestiçagem acarreta uma sensibilidade cultural e sócio-político-econômica inteiramente diferente. A menos que este fato seja reconhecido por pessoas de culturas não-mestiças, dentro ou fora da América Latina, não haverá muitas esperanças de compreender essa mistura híbrida, quanto mais lidar com ela e fundir-se a ela. Essa mistura híbrida bastante complexa é uma abertura a instituições e realidades da vida cotidiana, à subjetividade dos atores sociais e da multiplicidade de lealdades, às relações de patronato, paternalismo e assim por diante, que operam simultaneamente na América Latina. É um processo constante de tecer, desfilar e retecer intrincados laços, relações e encontros e estranhamentos. Existem continuidades de relações rompidas por freqüentes descontinuidades, e reconciliações e continuidades renovadas (García Canclini 1995).

Em culturas latino-americanas, a incerteza é a regra sutil, a imprecisão acha uma maneira de se infiltrar em cada canto, e tudo já está sempre no processo incompletável de devir no sentido do processo semiótico, apesar da visão linear persistente da América Latina que permanece teimosamente atolada na lógica bivalente, em uma mentalidade maniqueísta. A América Latina, seja o que for, não é de jeito algum linear e bivalente.

REFERÊNCIAS

- AGOSÍN, Marjorie (1992). *Circles of Madness: Mothers of the Plaza de Mayo* (trad. C. Kostopoulos-Cooperman). San Francisco: White Pine Press.
- BARBOSA, Livia (1992). *O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros*. Rio de Janeiro: Campus.
- BATESON, Gregory (1972). *Steps to an Ecology of Mind*. New York: Chandler.
- BOLTON, Herbert Eugene (1939). *Wider Horizons of American History*. New York: D. Appleton-Century.
- BOURDIEU, Pierre (1990). *The Logic of Practice*. Cambridge: Polity.
- BOURDIEU, Pierre & Passeron, J.-C. (1977). *Reproduction in Education, Society and Culture*. London: Sage.
- BOUVARD, Marguerite Guzmán (1994). *Revolutionizing Motherhood: The Mothers of the Plaza de Mayo*. Wilmington: Scholarly Resources.
- BROWN, James Robert (1991). *The Laboratory of the Mind: Thought Experiments in the Natural Sciences*. New York: Routledge.
- CERTEAU, Michel de (1984). *The Practice of Everyday Life*. Berkeley: University of California Press.
- DA MATTA, Roberto (1991). *Carnivals, Rogues, and Heroes: An Interpretation of the Brazilian Dilemma* (trad. J. Drury). Notre Dame: University of Notre Dame Press.
- GALILEO GALILEI (1967). *Dialogue Concerning the Two Chief World Systems* (trad. S. Drake), 2ª ed. Berkeley: University of California Press.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor (1984). *Gramsci con Bourdieu*. Nueva Sociedad 71, 45-62.
- _____ (1995). *Hybrid Cultures: Strategies for Entering and Leaving Modernity* (trad. C. L. Chiappari and S. L. López). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- GRAHAM, Richard (ed.) (1990). *The Idea of Race in Latin America, 1870-1940*. Austin: University of Texas Press.
- HACKING, Ian (1985). *Styles of Scientific Reasoning*. In RAJCHMAN, J. and WEST. *Post-Analytic Philosophy*, C. (eds.), 145-65. New York: Columbia University Press.
- HARTSHORNE, Charles (1970). *Creative Synthesis and Philosophic Method*. LaSalle: Open Court.
- HEMPEL, Carl (1945). Studies in the Logic of Confirmation. *Mind* 54, 1-26 & 97-121.
- HESSÉ, Mary (1980). *Revolutions and Reconstructions in the Philosophy of Science*. Bloomington: Indiana University Press.
- LOTMAN, Jurij (1977b). Myth—Name—Culture. LUCID, Daniel (org.). In *Soviet Semiotics: An Anthology*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- LOTMAN, Jurij & Uspenskij, B. A. (1984). *The Semiotics of Russian Culture*. Ann Arbor: Michigan Slavic Contributions No. 11, University of Michigan.
- _____ (1990). *Universe of the Mind: A Semiotic Theory of Culture* (trad. A. Shukman). Bloomington: Indiana University Press.
- MALLON, Floencia E. (1995). *Peasant and Nation: The Making of Postcolonial Mexico and Peru*. Berkeley: University of California Press.
- MERRELL, Floyd (1995a). *Semiosis in the Postmodern Age*. West Lafayette: Purdue University Press.
- _____ (1995b). *Peirce's Semiotics Now: A Primer*. Toronto: Canadian Scholars' Press.
- _____ (1996). *Signs Grow: Semiosis and Life Processes*. Toronto: University of Toronto Press.

- _____ (1997). *Peirce, Signs, Meaning*. Toronto: University of Toronto Press.
- _____ (2000a). *Change through Signs of Body, Mind, and Language*. Chicago: Waveland.
- _____ (2000b). *Signs, Science, Self-Subsuming Art (ifacts)*. Dresden: Thelem.
- _____ (2000c). *Tasking Textuality*. Peter Lang.
- _____ (2002). *Complementing Latin American Borders*. West Lafayette: Purdue University Press (forthcoming).
- MÖRNER, Magnus (1967). *Race Mixture in the History of Latin America*. Boston: Little, Brown.
- NAKHIMOVSKY, Alexander D. Et Nakhimovsky, Alice Stone (eds.) (1985). *The Semiotics of Russian Cultural History*. Ithaca: Cornell University Press.
- PEIRCE, Charles Sanders (1931-35). *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, C. Hartshorne and P. Weiss (eds.), vols. 1-6. Cambridge: Harvard University Press (reference to Peirce's papers will be designated CP).
- _____ (1958). *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, Burke, A. W. (ed.), vols. 7-8. Cambridge: Harvard University Press (reference to Peirce's papers will be designated CP).
- PIKE, Fredrick B. (1992). *The United States and Latin America: Myths and Stereotypes of Civilization and Nature*. Austin: University of Texas Press.
- SEBEEK, Thomas A. (1991). In What Sense is Language a "Primary Modeling System"? In M. and MERREL F. (eds.), *On Semiotic Modeling*, Anderson, 327-39. Berlin: Mouton de Gruyter.
- SHUKMAN, Ann (1977). *Literature and Semiotics: A Study of the Writings of Yu. M. Lotman*. Amsterdam: North-Holland.
- SPENCER-BROWN, G. (1972). *Laws of Form*. New York: E. P. Dutton.
- WOLF, Eric (1959). *Sons of the Shaking Earth*. Chicago: University of Chicago Press.

Tradução de Fábio Fernandes
Revisão técnica de Irene Machado

FLOYD MERREL é professor da Purdue University West Lafayette, EUA. É físico de formação e semioticista com atuação nos estudos da semiótica peirceana de onde retira instrumentos para análise dos fenômenos culturais latino-americanos. Ministra cursos em universidades brasileiras (PUC-SP; UnB; UFBA) como professor convidado.
fmerrell@purdue.edu

Artigo recebido em maio de 2002 e
aprovado em dezembro de 2002.